

A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Francilda Araújo Inácio

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
E-mail: francildaaraujo@bol.com.br

Resumo

Este ensaio problematiza o tratamento dado pela escola à Literatura Infantil, criticando algumas práticas com o texto literário em sala de aula, ao mesmo tempo que chama a atenção para outras possibilidades de abordagem, baseadas em práticas que incitem a imaginação e criatividade das crianças, através de metodologias que as levem a conhecer mais atentamente a sua realidade e favoreçam a sua emancipação pessoal.

Palavras-chave: Literatura. Escola.

1. Introdução

No ensaio “A Educação do ser poético”, Carlos Drummond de Andrade, em nome da preservação em cada aluno do fundo mágico, lúdico e criativo identificável com sensibilidade poética, pede à escola que considere a poesia como “primeira visão direta das coisas”. Para além da poesia, ampliaríamos esse pedido para o trabalho com o texto literário junto à criança, cuja fase da vida é particularmente adequada a vivenciar de forma prazerosa o fenômeno literário, por estar desarmada de conceitos e implicações da lógica racional. Estamos nos referindo diretamente ao que se convencionou chamar Literatura Infantil, cujos critérios de caracterização giram em torno de uma emaranhada rede de equívocos, preconceitos, ou até mesmo ignorância, merecendo, portanto, algumas rápidas considerações, antes de tratarmos propriamente o tema central do presente ensaio: A Literatura Infantil na escola.

A primeira questão que surge relativa ao assunto é: estaria na intenção do autor da obra a literariedade infantil? O professor Hildeberto Barbosa Filho¹ afirma que a intenção nasce, via de regra, de concepções errôneas sobre a especificidade da linguagem literária e ainda sobre a singularidade da própria recepção infantil: no tocante à primeira, para toda uma concepção do literário numa perspectiva utilitarista; quanto à segunda, há a projeção de um modelo “adultocêntrico” do autor sobre a recepção e a sensibilidade da criança.

Essa visão, certamente, resulta de uma perspectiva ideológica que vincula desde as suas origens a chamada Literatura Infantil ao âmbito dos instrumentos pedagógicos à mais uma estratégia escolar², tornando-a funcional didaticamente, voltada aos efeitos cognitivos ou de formação (ou seria de fôrmação?).

Outro equívoco, ainda assinalado pelo mesmo crítico literário³, consiste no tópico da “simplicidade” da linguagem no texto literário infantil, confundida, muitas vezes, com puerilidade lingüística, que chega, não raro, a desrespeitar a capacidade e a sensibilidade da

¹ FILHO, Hildeberto Barbosa. *Literatura - as fontes do prazer*. João Pessoa: Idéia, 2000, pp.19-36.

² No Brasil, por causa da aliança entre Literatura Infantil e escola, foram os pedagogos os primeiros a se preocupar com o aparecimento e valor dos livros para crianças, ao escreverem textos e obras das quais emerge aos poucos o esboço de uma teoria de Literatura Infantil, mas que, segundo Zilberman e Lajolo, valoriza os textos em função de suas qualidades educativas, ou seja, patrióticas, cívicas e morais. (Cf. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças - para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos*. 3. ed., São Paulo: Global, 1988, p.251.

³ *Op cit.*, p. 14.

criança. O equívoco, nesse caso, é relacionar a Literatura Infantil a uma prática textual pouco criativa, eivada de lugares-comuns, “vocabulário descarnado”, além de uma “semântica despida de vigor imagético, sem imaginação e sem fantasia”. Na verdade, a simplicidade deve ser aquela que convive com a beleza, deflagrando “um rico campo de sugestão e abertura”.

O importante mesmo é que se dê um encontro entre o mundo sensível e emotivo, que a obra literária carrega consigo, e a percepção, também sensível e emotiva, do leitor. É do encontro desses imaginários que se concretiza realmente a experiência literária, passível de ser vivenciada tanto pelo adulto como pela criança. O que muda é a natureza da recepção por uma questão de ordem sócio-psicológica: “a recepção infantil se atém a elementos que, muitas vezes, não são relevados pela percepção do adulto”. Por outro lado, aspectos literários valorizados pelo adulto podem não interferir no processo de recepção da criança. Na verdade, o texto deve respeito à sensibilidade do leitor: seja ele criança ou adulto.

Feitas essas considerações, passemos a problematizar questões referentes à abordagem do texto literário na escola, especialmente a que é feita com crianças.

2. O Texto Literário na escola

Drummond questiona se não estará na escola o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático e utilitário se desenvolve. O poeta mineiro se ressentia do fato de a escola encher o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia da linguagem.

O texto literário, por sua natureza polissêmica, possibilita o desenvolvimento da imaginação da criança, levando-a a conhecer mais atentamente a sua própria realidade. Cabe à escola, principalmente, voltar-se para a necessidade de desenvolver no aluno a habilidade para “sentir” as palavras, para buscar nelas a visão mais ampla de que ele necessita para encarar o mundo de forma mais aberta e criativa.⁴

Ocorre, às vezes, de a escola esquecer o fato de que toda e qualquer criança representa um ser em seu momento específico de desenvolvimento vital, necessitando de espaço para desenvolver seus conhecimentos dentro de uma ótica individual e particular que esteja desligada das imposições e ditadura do mundo adulto, via de regra, castrador de suas oportunidades para novas criações e experimentos, tirando-lhe o discurso e a criatividade diante do mundo.

A escola, junto a seus diversos meios educacionais, deve tomar a criança como totalidade, respeitar seu espaço subjetivo e instigá-la a desenvolver toda criatividade, sensibilidade e expressividade que lhes são peculiares, conforme salienta Averbuck.⁵ Diante disso, acreditamos ser o trabalho com a Literatura Infantil um dos melhores caminhos para o desenvolvimento integral da criança. Daí a necessidade de que seja uma prática efetiva em sala de aula, de modo a promover a intimidade com o texto literário e sua multiplicidade de sentidos, seu valor estético, buscando alargar, assim, a capacidade crítica e lúdica do aluno.

Para isso, é preciso repensar, sob vários aspectos, práticas ainda consagradas no meio escolar relativas à abordagem da Literatura Infantil: estudo de regras gramaticais, questões de “compreensão do texto”, via de regra, superficiais e confusas, os inibidores “testes” avaliativos a partir de leitura de livros paradidáticos, valorização dos textos em função de suas qualidades aducativas, isto é, patrióticas, cívicas e morais, que, correlacionados a outras disciplinas, servem apenas para explorar o texto, mediante campo cognitivo da língua, cumprindo mera função instrumental, abrindo, assim, espaço para que outros conteúdos

⁴ AVERBUCK, Lígia Morrone. A poesia e a escola. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, pp. 63-83.

⁵ *Idem, ibid.*

programáticos sejam trabalhados. Desse modo, tais práticas deixam à margem a busca pela “percepção emotiva”, essencial ao estudo do texto de natureza literária, cuja “função” está longe de ser a de comunicar uma informação didática ou doutrinária, mas a de estar sempre revelando uma percepção subjetiva da realidade.

Mais preocupada com uma formação utilitarista, a escola parece não entender isso. Posta a serviço da ideologia, ela descaracteriza a Literatura Infantil como tal, ou seja, como literatura, firmando-a como simples código doutrinário, como conjunto de enunciados que privilegiam as funções referenciais e apelativas da linguagem.

Esse fenômeno é perfeitamente explicável, historicamente, se atentarmos para o fato de que o surgimento deste gênero deu-se em meio a um contexto social que a levou a tornar-se meio do qual a pedagogia pôde valer-se para alcançar seus objetivos. Conforme a pesquisadora Regina Zilberman,⁶ a Literatura Infantil permanece como uma colônia da pedagogia, causando àquela grandes prejuízos por não aceitá-la como arte, além de dotá-la de um objetivo didático comprometido com a dominação da criança. O trecho abaixo de A. C Baumgartner⁷ confirma a idéia posta:

O que chamamos de literatura juvenil “específica”, isto é, os textos escritos exclusivamente para crianças, tem sua origem primariamente não em motivos literários, mas pedagógicos.

Presas ainda ao domínio da ótica inibidora e repressiva, a escola deixa de desempenhar o seu importante papel de extrair todas as virtualidades possíveis dos instrumentos de desenvolvimento da criança – no nosso caso específico, o texto literário – com a finalidade de proporcionar o pleno encontro da criança consigo mesma e com o mundo.

É importante lembrar que a frequência com que os textos literários são apresentados à criança é fundamental para que se alcance através do contato a intimidade com o universo fantasioso das palavras. Embora saibamos que, por si só, essa frequência não garante a eficácia desse contato. É imprescindível que a abordagem do texto literário – seja em verso ou prosa – na sala de aula leve em consideração as peculiaridades da percepção e sensibilidade do destinatário, no caso, a criança.

Sem a pretensão de oferecer “receitas prontas”, acreditamos ser essencial que o professor esteja atento ao princípio de que a abordagem do texto deva privilegiar aspectos relacionados ao “tecido de imagens, a estrutura significante/significado, que proporciona uma visão mágica, singular, poética”.⁸

Se respeitadas, algumas condições, que consideramos indispensáveis, podem contribuir para que, de um modo geral, o trabalho com o texto literário seja satisfatório, entre os quais podemos destacar inicialmente o gosto pessoal do professor pelo texto escolhido para o trabalho em sala de aula.

É necessário que o mestre o conheça e com ele tenha intimidade. Isso pressupõe, evidentemente, que o professor seja, de fato, um leitor, que detenha uma significativa experiência de leitura, que seja alguém capaz de entusiasmar-se com a prática que irá adotar com seus alunos, tendo em vista que o fato de que cabe a ele o “detonar” das variadas visões que cada texto carrega, enfatizando múltiplas interpretações pessoais decorrentes da compreensão alcançada pelo autor do texto escrito. A esse respeito Richard Bamberger⁹ observa:

⁶ ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 7. ed., São Paulo: Global, 1987, p.13.

⁷ Apud ZILBERMAN, Regina. In: MAGALHÃES, Lígia Cadermatori e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982, p.19.

⁸ FILHO, Hildeberto Barbosa. *Literatura - as fontes do prazer*. João Pessoa: Idéia, 2000, pp.19-34.

⁹ BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura?* 3. ed., São Paulo: Ática, 1987, pp.74-75.

Está claro que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças; sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.

Uma outra ação capaz de favorecer o trabalho com a Literatura Infantil em sala de aula, segundo o professor Hélder Pinheiro¹⁰, é a atenção do professor ao universo de interesse de leitura dos seus alunos; o mestre deve estar sempre receptivo ao gosto da criança, a fim de poder dividir o prazer que ela vive em face do texto, de modo a tornar-se solidário para com sua experiência estética.

De forma prática e simples isto pode ser feito, através mesmo de perguntas objetivas, cujas respostas devem ser devidamente catalogadas, a fim de que possa facilitar a procura do professor pelos temas preferidos apontados nessas respostas. Descobrir filmes que os alunos apreciam, programas de rádio e televisão a que assistem, músicas de que mais gostam são meios de ter acesso ao seu universo, para tentar desenvolver com eles exercícios que incentivem sua capacidade criativa e lúdica.

A criação de um ambiente adequado, onde se vai abordar o texto, principalmente nos primeiros anos de estudo, certamente pode promover o interesse das crianças pelo trabalho, tornando a experiência mais rica. Sair um pouco da sala de aula, ir ao pátio da escola, por exemplo, para ler pequenos textos, recitar pequenos versos, utilizar uma música de fundo quando se lê, principalmente textos poéticos, trabalhar poemas que tenham sido musicalizados podem ser “técnicas” estimulantes de abordagem textual que atraem o interesse da criança pelos textos, ainda mais porque o afasta de tarefas maçantes, típicas das tradicionais abordagens. Temos ainda exercícios de pintura, dramatizações, organização de murais e produção de novos textos, tudo isso a partir de boas abordagens com textos feitas em sala de aula.

É importante, todavia, que o caráter de não-obrigatoriedade fique evidente em relação a atividades desse tipo. No trabalho com o texto literário valem muito mais as estratégias que possam despertar a sensibilidade da criança, sem imposições, visando à aproximação do leitor com o texto e a sua sedução em função da misteriosa e encantadora matéria verbal.

Para além de sugestões, acreditamos ser a própria Leitura uma das atividades capazes de criar o gosto pelo texto. Seja silenciosa, experiência individual, íntima de cada um, seja em voz alta, a chamada leitura “expressiva”, pontuada na valorização dos recursos expressivos do texto, a leitura pode levar o aluno a experimentar uma primeira empatia pelo texto.

2.1. Literatura Infantil e Formação do Professor

Como mediador desse trabalho, o professor, evidentemente, exerce papel fundamental, merecendo, portanto, uma formação capaz de instrumentalizá-lo adequadamente para enfrentar esse desafio. Ao abordar a situação do ensino da Literatura Infantil, a professora Regina Zilberman¹¹ observa que a valorização dessa disciplina, enquanto propiciadora de uma visão de realidade - “como função representativa própria à arte ficcional”- foi determinante para a ascensão ao plano dos currículos do 3º grau. Lembra, no entanto, que a eficácia dessa integração ao nível universitário depende, por um lado, de uma reflexão sobre os efeitos que

¹⁰ PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. João Pessoa: Idéia, 1995, p.22.

¹¹ ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. p. 26.

desencadeia no ensino de 1º grau, e, por outro, da “organização interna da disciplina ou dos cursos a elas ligados, a fim de instrumentalizá-lo para o enfrentamento das dificuldades que assolam o trabalho com as crianças e os produtos culturais a eles dirigidos”.

Segundo a estudiosa, são os objetivos pretendidos para o ensino superior em Letras que justificam a incorporação da Literatura Infantil a seu currículo: visando à preparação de docente para o 1º e 2º grau, ele precisa oferecer ao professor instrumentação adequada para o cumprimento de sua função didática. Em relação ao uso do livro para crianças em sala de aula, Zilberman¹² sugere, além da escolha de obras apropriadas ao leitor infantil, o “emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido apreendido”.

Tais tarefas dependem do fato de as disciplinas universitárias oferecerem ao futuro professor um instrumental literário e pedagógico, entre os quais, destaca Zilberman¹³, o conhecimento de um acervo significativo; o domínio de critérios de julgamento estético, que permita a seleção de obras de valor, o conhecimento do conjunto literário destinado às crianças (trajetória literária, autores atuais mais representativos, nacionais e estrangeiros), manipulação de técnicas e métodos de ensino que possam auxiliar o professor no processo de incremento e estímulo à leitura.

Uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUC-RS, mencionada por Zilberman,¹⁴ revelou que tais metas nem sempre são atingidas em função de ocorrências como a desarticulação do professor em relação aos novos autores de Literatura Infantil, a utilização de títulos idênticos em séries diferentes e ainda indicações que destoam visivelmente da faixa etária a que se destinam.

Deste modo, observamos um “flagrante contraste” entre aquilo que desejam os cursos de letras e a realidade do ensino, diante da ausência do conhecimento de um acervo literário significativo e do domínio de critérios de seleção. A introdução da Literatura Infantil ao ensino universitário pode servir, segundo Zilberman¹⁵, como subsídio para solucionar esta dificuldade e concretizar metas da educação de 3º grau.

Enquanto área do saber científico, a estrutura da disciplina deve levar em conta a abordagem teórica (conceito e história da Literatura Infantil) e a discussão das possibilidades de emprego dessa em sala de aula. Em conseqüência, no âmbito estritamente literário abarcaria a conceituação da Literatura Infantil (questões de ordem histórica - origem, desenvolvimento do gênero) bem como às de ordem estética e a descrição dos subgêneros literários que compõem a Literatura Infantil – o conto de fadas, as dificuldades com a poesia, a ótica realista, a história de aventuras e ainda história da Literatura Infantil e um estudo singularizado de textos, o que propicia, além do conhecimento quantitativo, os critérios qualitativos de discernimento estético.¹⁶

3. Conclusão

Como disciplina de 3º grau, conforme salienta Regina Zilberman,¹⁷ a Literatura Infantil pode colaborar para que haja revisão de um percurso tradicional e um destino histórico, se conseguir transformar a pedagogia em ajudante na tarefa de efetivar suas metas, propiciando meios para a escolha de textos atuais e adequados, criando-se condições para que se modifique para melhor a situação para a criança e para a educação.

¹² *Idem*, p. 27.

¹³ *Idem, ibidem*.

¹⁴ *Idem*, pp. 27-28.

¹⁵ *Idem*, p.29.

¹⁶ *Idem*, p.30

¹⁷ *Idem, ibidem*.

Dessa forma, a Literatura Infantil efetivará sua função formadora, bem diferente da missão pedagógica, no sentido de dar conta de uma tarefa comprometida com “o conhecimento do mundo e do ser”, a que alude Antonio Candido,¹⁸ que representa um acesso à circunstância individual mediante a “realidade” fantasiosa do escritor, cumprindo, assim, a finalidade implícita: o favorecimento à emancipação pessoal.

4. Referências Bibliográficas

AVERBUCK, Lígia Morrone. **A poesia e a escola**. In: *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Literatura: as fontes do prazer**. João Pessoa: Idéia, 2000.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura?** 3 ed., São Paulo: Ática, 1987.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 5 ed., São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças - para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos**. 3 ed. São Paulo: Global, 1988.

MAGALHÃES, Lígia Cadermatori e ZILBERMAN, Regina . **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: Idéia, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola: teoria e prática**. 7 ed. São Paulo: Global, 1987.

¹⁸ *Apud* ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. p. 25.